

abraham palatnik

em movimento

galeria

nara roesler

A **Galeria Nara Roesler | Rio de Janeiro** tem o prazer de apresentar *Em Movimento*, mostra que celebra os 90 anos do artista e demonstra o pleno vigor do mundialmente reconhecido mestre do movimento e da luz, ao apresentar como obra central um inédito *Objeto Cinético* em grandes dimensões finalizado em 2018.

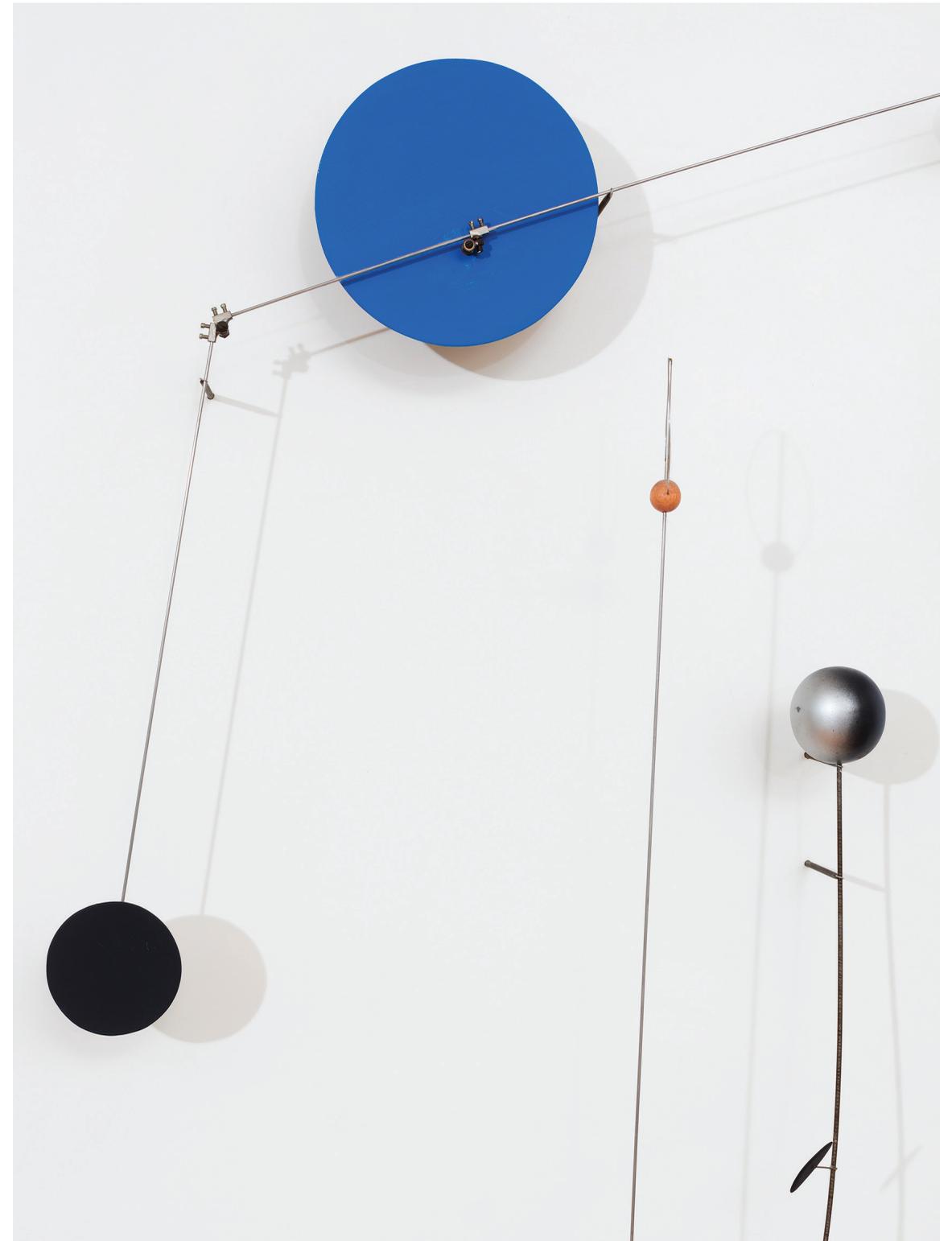
A obra em destaque simboliza a continuidade de uma extensa pesquisa à qual o artista se dedica ao longo de sua carreira, tornando-se, após justo revisionismo histórico, uma referência no campo da arte cinética e óptica.

Estão reunidos também alguns trabalhos de sua produção mais recente: dois relevos sobre acrílico, três sobre madeira, da série *W*, e dois sobre papel cartão, que passaram a receber uma camada de tinta spray na superfície. São peças bidimensionais que alcançam profundidade e dinamismo devido à composição de padrões rítmicos, por meio cortes sequenciais, que remetem a ondas de caráter irregular, características formais que conectam à genealogia da produção de Palatnik a partir dos anos 1960.



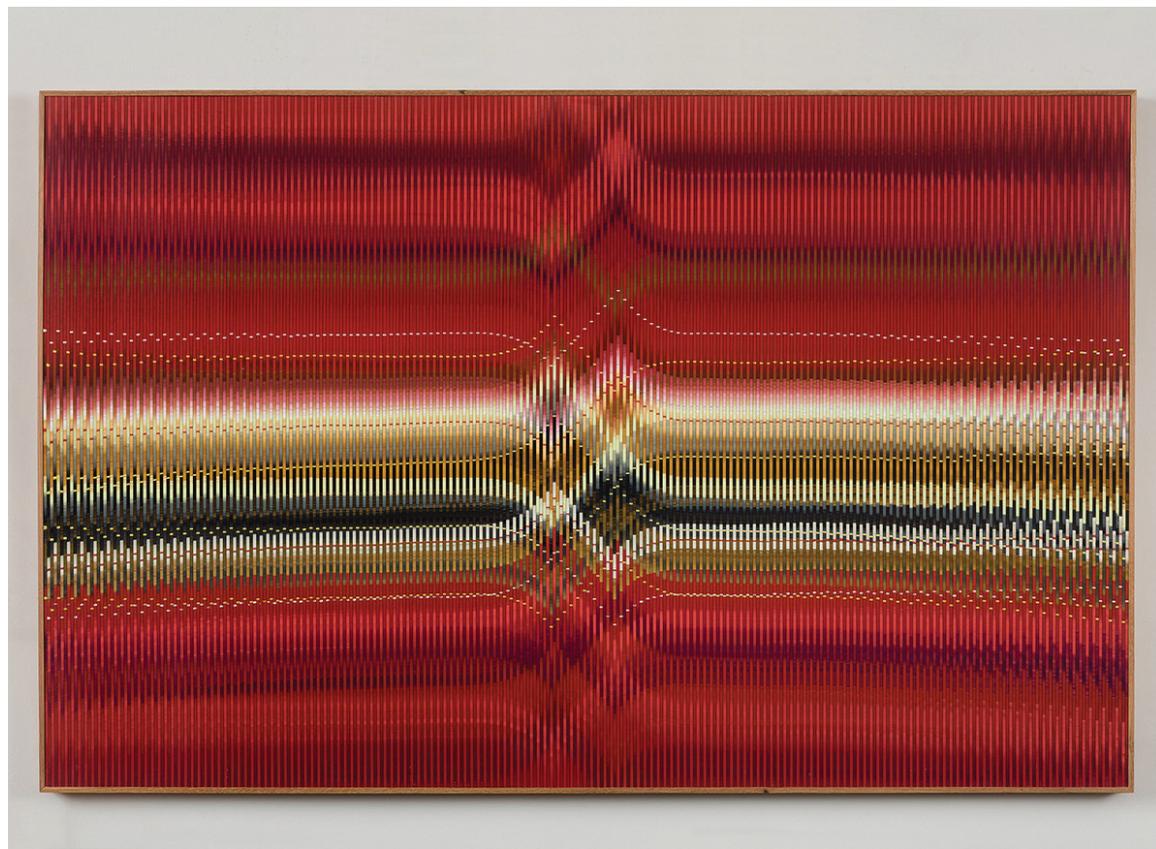
Objeto Cinético, 2006-2018
madeira, fórmica, metal, acrílico, imãs e motor
205 x 226 x 40 cm

Objeto Cinético, 2006-2018 [detalhe]



W-, 2018
acrílica sobre madeira
110 x 170 cm





W-, 2018
acrílica sobre madeira
110 x 170 cm



Sem Título, 2018
relevo, tinta alquídica sobre acrílico
70 x 80 cm



Sem Título, 2018
relevo, tinta alquídica sobre acrílico
70 x 80 cm



*imagem referencial: **Sem título** -- relevo progressivo cartão duplex e madeira -- 80 x 77,5 x 11,5 cm

Sem Título, 2017
relevo progressivo cartão duplex e madeira
80 x 70 cm

Em Movimento

Felipe Scovino

Abraham Palatnik chega aos 90 anos produzindo uma obra com forte caráter de invenção e coerência. Ademais, para além de seu pioneirismo no campo da arte cinética ter sido consagrado em exposições coletivas e individuais realizadas no Brasil e no exterior e sendo referência em catálogos, revistas especializadas e trabalhos acadêmicos especialmente nas últimas duas décadas, o que me chama a atenção é o comprometimento e a alegria com que Palatnik se relaciona com a sua produção. Há uma persistência inquieta que me faz pensar que é isso justamente o que o motiva indefinidamente a continuar pesquisando e desmembrando novas possibilidades em seu trabalho. Nessa exposição, por exemplo, percebemos esse engendramento de inteligência e sensibilidade, vide sua mais recente série de trabalhos incluindo seu mais novo *Objeto Cinético*.

Na série *Sem Título*, produzida desde 2016, o artista faz uso da tinta alquídica para criar regimes de densidade e volume sobre o suporte em acrílico. O espectador experimenta uma sucessão de formas sinuosas e entrelaçadas que avançam virtualmente em direção ao espaço. As representações geométricas engendradas pela obra se alteram a todo o tempo à medida em que o espectador fixa o seu olhar no objeto. Ao tentar desvendar a ciência daquela composição, somos projetados para um processo de virtualização das imagens. O que é plano se converte em espaço, o que é estático se transforma em fluxo, o que é acrílico se torna um emaranhado de linhas, relevos e topografias que adquirem um status de potência multiplicadora. E notem que essa pesquisa envolvendo o cinetismo começou por volta de 1949-50 com a criação dos *Aparelhos Cinecromáticos*. Sobre uma tela de plástico que cobria frontalmente essas obras, o artista projetou cores e formas que se movimentavam acionadas por motores elétricos. Como analisou Frederico Morais, o *Cinecromático* “graças ao emprego de motores e lâmpadas, substitui o pigmento - sua dimensão material - pela refração da luz. Um controle central, composto de contatos elétricos, comanda a velocidade e a duração de cada foco luminoso”¹. Se nos *Cinecromáticos* e nos *Objetos Cinéticos* o movimento e a participação se dão de forma autônoma em relação ao espectador, em *Sem Título*, nos *Relevos Progressivos* e na série *W*, a mobilidade do espectador frente a elas causa um redimensionamento da ideia de movimento e dinâmica além de confrontar a suposta rigidez que uma pintura teria.

Eis a densidade, coerência e transformação de um trabalho que investiga as relações não contraditórias entre arte, ciência, intuição e caos. A exposição condensa um conjunto de características que são muito caras a Palatnik. Dentre elas destaco a artesanaria, isto é, uma produção feita pelo próprio artista que por sua vez merece um cuidado e tempo muito especiais; o uso de materiais baratos, frágeis e largamente acessíveis (barbante, cartão, hastes metálicas etc); e, finalmente, a forma como conduz o caráter lúdico e participativo de sua obra próxima a extroversão de outro pioneiro cinético, Alexander Calder.

Essa mostra nos reserva a oportunidade de assistirmos pela primeira vez o maior *Objeto Cinético* já construído pelo artista. Dividido em dois módulos que se justapõem, observamos nele a delicadeza com que Palatnik parece pousar as mais diversas formas geométricas e linhas sobre o espaço. Aproximando-se das cores e formas abstratas de Jean Arp, Miró e, claro, de Calder - todos mestres em tornar, metaforicamente, o peso de um material característico da indústria em algo tão leve quanto uma pluma - o artista, por outro lado, elabora um campo próprio para a sua pesquisa. Sua obra cria uma forma no espaço pelo movimento, além de ampliar as fronteiras entre pintura e escultura. Há uma qualidade nessa série que a torna bem especial e diferencia o trabalho de Palatnik de outros cinéticos: o som próximo - baixo porém intermitente - ao de um relógio que demarca a experiência de encantamento que os objetos produzem no espectador e ao mesmo tempo escancara a fluidez entre o tempo mecânico e o tempo duração. Nesse caso, é a condição da potencialização de um corpo-lúdico em detrimento de um corpo-máquina, do gozo em detrimento da função. Esse é um ponto importante para a pesquisa cinética dos artistas brasileiros que de alguma forma a distingue do cinetismo mais pragmático, como o suíço e o alemão.

Relevo Progressivo e *W* têm pontos em comum e perpetuam a coerência da pesquisa. Nos primeiros, o sequenciamento dos cortes na superfície do cartão, dependendo da profundidade e localização da fissura, cria camadas variadas. Essa ação constitui a própria dinâmica da obra. O uso do papel-cartão é algo surpreendente porque a produção de relevos leva à execução de ritmos e sinuosidades de grande impacto visual. Para essa mostra, uma novidade: os *Relevos* que até então não sofriam de modo geral qualquer intervenção cromática, pois o que interessava ao artista era a materialidade e cor “cruas” por assim dizer do papel, passam aqui por uma imersão de tinta spray que transmite um caráter metalizado à obra. Palatnik realizou procedimento semelhante em 1979 quando utilizou o metal banhado em ouro ao invés do papel em um *Relevo Progressivo*. Na série *W*, com duas novas obras sendo apresentadas, o artista faz uso do corte a laser que fatia régua verticals e homogêneas de telas abstratas que serviram como modelo. Depois, move essas “varetas” e “desenha” o futuro trabalho até o momento em que se dá por satisfeito e conclui a operação. Constrói-se um ritmo progressivo e modular da forma ao explorar o potencial expressivo da madeira. Há em toda a sua obra a clareza de uma pesquisa comprometida com o público. Somos agentes de transformação da obra, ao mesmo tempo em que ela investe sobre nós. Seu trabalho está comprometido com a singularidade e a delicadeza, vide a forma como é construído e se coloca no mundo. Contudo, é importante relatar que, ao contrário de uma boa parcela da produção contemporânea, essas operações se dão sem que a obra se torne em nenhum momento um espetáculo midiático.

Felipe Scovino é professor da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi curador de exposições como *Estética da gambiarra* (Cavalariças, Parque Lage, Rio de Janeiro, 2012), *Diálogos com Palatnik* (MAM, São Paulo, 2014), *Narrativas em processo: Livros de artista na coleção Itaú Cultural* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, 2016; Itaú Cultural, São Paulo, 2017; MON, Curitiba, 2018). Juntamente com Paulo Sergio Duarte, foi curador de *Lygia Clark: uma retrospectiva* (Itaú Cultural, São Paulo, 2012), que recebeu o prêmio de Melhor Retrospectiva 2012 pela APCA. Entre 2013 e 2017 organizou, juntamente com Pieter Tjabbes, a retrospectiva *Abraham Palatnik: a reinvenção da pintura*. Recebeu a Bolsa de Estímulo à Produção Crítica (Minc/Funarte) em 2008.

1. MORAIS, Frederico. Abraham Palatnik: um pioneiro da arte tecnológica. Niterói: MAC, 1999. Reeditado em OSORIO, Luiz Camillo. Abraham Palatnik. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 164-65.

sobre **Abraham Palatnik**

Abraham Palatnik (b. 1928, Natal, Brasil) vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil. Figura seminal da arte cinética e óptica no Brasil, sua investigação envolvendo tecnologia, mobilidade e luz trouxe inovações para o desenvolvimento do estudo dos fenômenos visuais no país. Destacou-se no cenário artístico a partir da criação de seu primeiro *Aparelho Cinecromático* (1949), peça em que procurou reinventar a prática da pintura por meio de jogos de luz, criando imagens caleidoscópicas. Exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951), sua instalação de luz não participou da competição pelo prêmio principal por não se enquadrar em nenhuma das categorias artísticas existentes na época, mas recebeu menção honrosa do júri internacional por sua originalidade. Suas séries de progressões e relevos iniciadas posteriormente em materiais diversos, como madeira, cartão duplex ou acrílico, apresentam igualmente efeitos ópticos hipnóticos, obtidos através de um meticuloso processo manual. O resultado são composições abstratas marcadas pelo padrão rítmico, remetendo ao movimento de ondas irregulares. Atualmente, em sua sétima década de produção, Palatnik continua a investigar as relações entre movimento, tempo e percepção humana. Participou de diversas exposições no Brasil e no exterior, incluindo oito edições da Bienal de São Paulo (1951-1969) e a 32ª La Biennale di Venezia (1964). Recentemente, realizou a importante retrospectiva *Abraham Palatnik - A Reinvenção da Pintura*, com itinerância por instituições como: Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (CCBB-RJ), 2017; Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, 2015; Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba, 2014; Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), 2014; e Centro Cultural Banco do Brasil Brasília (CCBB-DF), 2013.

